

MERCADO DE TRABALHO
E
FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PELA UFBA

- ASPECTOS METODOLÓGICOS -

Osmar Concalves Sepúlveda

I. ANTECEDENTES METODOLÓGICOS

Para que se possa entender, com a devida clareza, o processo de planejamento de vagas ora em implantação na Universidade Federal da Bahia, convém sejam dadas, ainda que sumariamente, breves notícias a respeito do arcabouço teórico que serviu de ponto de partida para a busca do modelo adotado.

Como se sabe, a Universidade brasileira, de um modo geral, tem experimentado acentuado crescimento, bem como tem procurado, mais recentemente, reorganizar-se internamente, modificando a sua estrutura em benefício da eficiência interna no uso dos recursos disponíveis, sem, contudo, preocupar-se ainda, em igual medida, em analisar a eficácia externa do seu produto.

O fato ocorreu com a UFBA que, no curso de sua evolução, cresceu de modo significativo para atender às solicitações do meio sob sua influência e para responder a essas solicitações, mas sem reavaliar o seu produto anterior e, sobretudo, sem planejar a demanda, antecipando-se a ela, como parece recomendável.

Duas foram as principais variáveis determinantes do seu crescimento: a) o aumento da demanda por vagas, ou seja a elevação vertiginosa do contingente de candidatos; e b) as solicitações da economia regional por novos profissionais, para o processo de desenvolvimento.

I.1. A PRESSÃO DA DEMANDA POR VAGAS

A primeira e mais importante foi a pressão da demanda por vagas, pois os números indicam saltos significativos, como se vê no Quadro I, a seguir.

Quadro I

UFBA - EVOLUÇÃO DAS INSCRIÇÕES NO VESTIBULAR E ADMISSÕES NA UNIVERSIDADE
1946/1970

Períodos	Inscrições no Vestibular	Admissões	Nível da Demanda Insatisfeita (%)
1946/50	3.568	2.117	41
1951/55	5.120	2.232	56
1956/60	6.559	2.292	65
1961/65	11.191	4.251	62
1966/70	32.355	9.979	69
T O T A L	58.793	20.871	64

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

Bastante reveladora desse crescimento é a tendência das admissões que de 2.000 nos três períodos iniciais, passa para 4.251 no período 1961/65 e alcança 9.079, quase 10 mil, no último quinquênio. Apesar de experimentar o crescimento tão explosivo, a UFBA deixa cada vez mais insatisfeita a demanda, chegando a quase 70% os níveis de insatisfação, justamente quando maiores foram os de admissões.

Considere-se ainda um dado importante no fenômeno: a variável tempo. E note-se que, no último decênio (a década dos anos 60) é que a demanda exerce maior pressão sobre a UFBA.

A essa análise quantitativa do fenômeno devem-se associar também, para melhor entendimento metodológico, as tendências em termos da estrutura dessa demanda, ao longo do período analisado.

Como se nota do Quadro II, a seguir, nos dois primeiros quinquênios de seu funcionamento, a estrutura da demanda por vagas na UFBA está marcadamente voltada para a área de Ciências Biológicas que representa, no total, mais da metade dos candidatos. Essa participação torna-se decrescente a partir do segundo quinquênio, tendência que segue até os últimos períodos.

A área de Ciências Humanas, por seu turno, tem crescente participação relativa nos dois últimos períodos, enquanto a área de Matemática e Ciências Físicas experimenta oscilações e é a menor entre as três áreas analisadas, justamente no último quinquênio, quando maior é o crescimento da demanda total.

Quadro II

UFBA - ESTRUTURA E EVOLUÇÃO DA DEMANDA DE ENSINO SUPERIOR
DISTRIBUIÇÃO DAS INSCRIÇÕES AO VESTIBULAR, SEGUNDO ÁREAS DE ENSINO
1946/1970

(Em números relativos)

Áreas	Períodos	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70
I. Matemática e Ciências Físicas		24,5	22,3	24,3	20,0	19,6
II. Ciências Biológicas		52,2	51,9	47,0	35,0	36,6
III. Filosofia e Ciências Humanas		19,8	21,9	19,5	28,0	39,4
IV. Letras		3,0	2,9	3,9	3,0	2,8
V. Artes		0,5	1,0	5,3	4,0	1,6

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

É notável a transformação na estrutura da demanda por vagas quando se compara o último quinquênio, 1966/70, com os demais. A área de Filosofia e Ciências Humanas, cuja posição foi sempre a terceira, passa a ser a primeira em percentagem sobre o total de candidatos ao vestibular da Universidade. No particular, têm destacada participação os cursos de Direito, Ciências Econômicas e Contábeis, Ciências Sociais, Administração e Psicologia cujo número de candidatos, no quinquênio, alcança 10.229, quase absorvendo a demanda de vagas na área que foi de 12.756 vagas.

Tomados os 25 anos da Universidade, verifica-se que o total acumulado de candidatos inscritos na área de Filosofia e Ciências Humanas alcançou 19.019, significando no período 1966/70 uma participação neste total de 67%.

Os níveis de satisfação da demanda, ou seja a capacidade de a Universidade responder à pressão da demanda através da oferta de vagas, estão expressos no Quadro III, a seguir.

Vê-se que os índices de demanda satisfeita são decrescentes para todas as áreas e no total da UFBA. Isso quer dizer que a capacidade de resposta às pretensões, mesmo crescendo a matrícula aos níveis em que cresceu, está ainda muito aquém de atender a quantidade de estudantes que nela desejam ingressar.

Quadro III

UFBA - NÍVEIS DE DEMANDA SATISFEITA POR ÁREAS

RELAÇÃO PERCENTUAL ENTRE AS ADMISSÕES NA UNIVERSIDADE E A DEMANDA POR VAGAS

1946/1970

P e r í o d o s	Matemática e Ciências Físicas	Ciências Biológicas	Filosofia e Ciências Humanas	TOTAL
1946/50	44	66	56	59
1951/55	38	34	64	44
1956/60	26	32	42	35
1961/65	27	37	44	36
1966/70	35	26	29	31
T O T A L	33	33	36	35

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

Para que se entendam melhor as transformações estruturais da demanda por vagas na Universidade da Bahia, adequado é que se classifiquem as profissões em tradicionais e novas. Tal classificação baseia-se no fato de ter sido a UFBA tradicionalmente formadora de Engenheiros Cíveis, Advogados, Médicos, Dentistas, Farmacêuticos, Economistas e Professores de Letras. Tais cursos respondiam por 88,6% da demanda de vagas no período 1946/50, por 77,32% no quinquênio 1951/55 por 70,10% nos anos que vão de 1956 a 1960. Correspondiam essas profissões às necessidades do Estado da Bahia até o início da década dos anos 60. Os cursos de Medicina, Engenharia Civil, Direito e Odontologia sempre representaram a maior demanda por vagas, fato que ainda hoje se observa.

Profissões novas, todavia, foram surgindo e algumas aumentando sua participação no total da demanda, na medida em que a comunidade exigia novos especialistas para sustentar as transformações econômicas hoje em pleno amadurecimento. Assim, foi possível à UFBA promover uma certa diversificação em sua estrutura produtiva.

O fenômeno, porém, reveste-se de uma característica interessante: a Universidade ampliou o seu número total de vagas, criando ou agregando novos cursos ou mesmo novas escolas, sem que a isso correspondesse uma redução da demanda, em números absolutos, naquelas profissões tradicionais.

Assim, o conjunto das demais profissões (ver Tabela I) envolve, em termos de participação na demanda, cerca de 11%, no período 1946/50 quando a UFBA oferecia 10 cursos além daqueles considerados como tradicionais, passando para 22% no período seguinte com 14 cursos, e 24,5% na segunda metade da década dos anos 50, quando o número de cursos não tradicionais passou a ser 16.

Na década dos anos 60 ainda predominam os cursos tradicionais como o bloco mais representativo da demanda por vagas, mas a posição dos cursos não tradicionais melhora sensivelmente. Passam eles a representar cerca de 39,0% e 40% nos períodos 1961/65 e 1966/70, com 17 e 20 cursos respectivamente.

I.2. AS TRANSFORMAÇÕES DA ECONOMIA

As transformações da economia baiana, consideradas como uma segunda variável na determinação do crescimento da UFBA ligam-se muito intimamente à criação dos novos cursos.

Para sumariar uma análise dessas transformações ocorridas no Estado poderíamos dividir em décadas o período que vai de 1950 a 1970 e nelas apresentar as características da economia.

Na primeira década, a economia baiana oferecia uma estrutura econômica primário-exportadora, cujo setor dinâmico era o comércio exterior.

Tal estrutura refletia uma predominância da agricultura, baseada principalmente na produção de cacau e outras matérias primas. Era ainda a agricultura de exportação responsável pela ocupação da mão-de-obra formadora da renda interna que absorvia também a preocupação do setor público e sustentava os negócios privados, sejam agrícolas ou de serviços. Nesse contexto, dois centros de ocupação podem ser identificados: a agricultura dos produtos exportáveis, notadamente a agricultura do cacau e os serviços de comércio exportador ou dele caudatário.

No decênio 1950/60 a população total da Bahia cresceu a uma taxa geométrica anual de 2,2%, revelando sua distribuição geográfica um crescimento de 5,2% para a população urbana e de 0,9% para a agrícola. Este comportamento acentuou o processo de urbanização no Estado e a população rural, que representava 74,1% do total em 1950, cai para 65,2%. Ao final da década, já 34,8% da população se concentrava nos centros urbanos.

O crescimento da população ocupada na agricultura registra, no entanto, no período considerado, uma taxa geométrica anual de 4,2%, maior portanto que o crescimento da

Tabela I

UFBA - ESTRUTURA E EVOLUÇÃO DA DEMANDA DE ENSINO SUPERIOR
INSCRIÇÕES NO CONCURSO VESTIBULAR, SEGUNDO CURSOS E PERÍODOS DE 5 ANOS - 1946/1970

C u r s o s	Inscrições no Vestibular em N.ºs Absolutos					Participação relativa						
	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70	Total	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70	Total
1. Engenharia (Esc. Politéc.)	791	861	1123	2001	3865	8641	22,17	16,81	17,12	17,88	11,94	14,70
2. Direito	561	621	767	1054	3306	6309	15,72	12,12	11,70	9,41	10,22	10,73
3. Medicina	989	1236	1541	2028	7574	13368	27,72	24,14	23,50	18,12	23,41	22,74
4. Odontologia	432	590	460	423	919	2826	12,11	11,52	7,01	3,80	2,84	4,80
5. Letras	108	148	255	309	903	1723	3,03	2,89	3,88	2,76	2,80	2,93
6. Farmácia	209	219	192	141	391	1152	5,86	4,30	2,93	1,25	1,20	1,96
7. Economia e Contábeis	70	284	260	501	1971	3086	1,96	5,54	3,96	4,50	6,09	5,25
1.º SUBTOTAL	3160	3959	4598	6459	18929	37105	88,57	77,32	70,10	57,72	58,50	63,11
8. Arquitetura	65	211	233	472	1216	2197	1,82	4,12	3,55	4,21	3,75	3,74
9. Agronomia	164	153	314	511	751	1893	4,60	3,00	4,80	4,60	2,32	3,21
10. Ciências Sociais	2	28	40	303	1829	2202	0,05	0,55	0,61	2,71	5,65	3,74
11. Enfermagem	52	201	126	207	315	901	1,46	3,92	1,92	1,85	1,00	1,33
12. Pedagogia	26	40	58	184	504	812	0,73	0,78	0,88	1,64	1,55	1,38
13. História Natural	15	104	101	250	1280	1750	0,42	2,03	1,53	2,23	3,95	2,97
14. Filosofia	9	37	46	132	340	564	0,25	0,72	0,70	1,18	1,05	1,00
15. Administração	-	-	-	404	1446	1850	-	-	-	3,61	4,46	3,14
16. Jornalismo	-	16	1	165	517	699	-	0,31	0,01	1,47	1,60	1,20
17. Geologia	-	-	157	472	300	929	-	-	2,40	4,22	0,93	1,16
18. Geografia e História	39	79	61	143	966	1288	1,09	1,54	0,93	1,28	3,00	2,20
19. Medicina Veterinária	-	154	196	232	432	1014	-	3,01	3,00	2,07	1,33	1,72
20. Matemática	16	56	53	171	380	676	0,45	1,09	0,80	1,53	1,17	1,14
21. Lic. Ciências - I Ciclo	-	-	-	-	81	81	-	-	-	-	0,25	0,13
22. Biblioteconomia	-	18	49	265	200	532	-	0,35	0,74	2,36	0,62	0,90
23. Nutrição	-	-	147	119	103	369	-	-	2,24	1,06	0,32	0,62
24. Física	-	4	19	155	380	558	-	0,08	0,30	1,38	1,17	0,94
25. Química	4	8	11	123	148	294	0,11	0,16	0,17	1,09	0,45	0,50
26. Proc. de Dados	-	-	-	-	50	50	-	-	-	-	0,15	0,08
27. Psicologia	-	-	-	-	1677	1677	-	-	-	-	5,20	2,85
2.º SUBTOTAL	392	1109	1612	4308	12915	20336	10,98	21,66	24,57	38,49	39,92	34,59
T O T A L	3552	5068	6210	10767	31844	57441	99,55	98,98	94,68	96,21	98,42	97,70
Artes	16	52	349	424	511	1352	0,45	1,02	5,32	3,79	1,58	2,30
TOTAL GERAL	3568	5120	6559	11191	32355	58793	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: UFBA - Assessoria de Planejamento.

OBSERVAÇÃO: Os Cursos de Agronomia e Medicina Veterinária foram incorporados à UFBA a partir de 1967.

população total. Diante deste fato e do processo de urbanização verificado, só se pode explicar a crescente absorção de novos braços na agricultura, pela incorporação de uma população que antes não estava em atividades agrícolas na própria zona rural, isto é, pela redução no desemprego rural. Tudo, pois, reforça a idéia de que a agricultura foi o centro de ocupação mais dinâmico da economia baiana no período.

Tal ocupação de mão-de-obra era distribuída, no início da década, de forma a evidenciar o destaque da atividade agrícola em 6 zonas produtoras: a do cacau, com 168.000 trabalhadores; a do Nordeste, com 154.000; a de Feira de Santana, com 125.000; a da Serra Geral, com 122.000; a do Recôncavo, com 107.000; e a da Chapada Diamantina, com 106.000 trabalhadores agrícolas. As demais zonas não chegam a figurar, isoladamente, com contingentes que ultrapassem 80.000 trabalhadores empregados na atividade agrícola.

No fim da década, a evolução na ocupação agrícola está ligada ao surgimento de novas zonas de dinamismo e a uma maior ocupação territorial da agricultura do Estado. A zona do Nordeste passa a figurar em primeiro lugar na ocupação de trabalhadores agrícolas; a da Serra Geral, a situar-se em segundo lugar; a Chapada Diamantina, em terceiro; e a zona do Cacau desce para a quarta posição. Feira de Santana e o Recôncavo colocam-se, respectivamente, em quinto e sexto lugares.

Paralelamente é notável a evolução experimentada pelas zonas do Baixo Médio São Francisco, a Encosta da Chapada Diamantina, a Zona de Jequié e Conquista (ver Quadro IV).

Ao iniciar-se a década, a ocupação era sustentada na manutenção de uma agricultura do tipo comercial que se caracteriza pela "exploração voltada para a cultura de produtos de exportação e matérias primas, notadamente: cacau, sisal, mamona, cana-de-açúcar, café e algodão". A produção de matérias primas industriais para o mercado interno, exportação para outros Estados do Brasil, cresceu 38,6% e a produção para o exterior 45,2% entre 1956 e 1960.

Analisando-se porém os índices do Produto Real Agrícola com base em 1949, vamos concluir pelos seguintes fatos:

- durante os quatro primeiros anos da década de 50, o Produto Real da Agricultura sofre uma queda que é mais acentuada com relação aos produtos para exportação, então centro dinâmico na formação do produto;
- em 1954, começa uma recuperação no Produto Real Agrícola cuja evolução acentua uma grande participação da agricultura de alimentos de consumo interno. Esta cresce mais que a de exportação e a de matérias primas para as indústrias, a partir, principalmente, de 1957, já nos fins da década, até chegar a 1960 com um crescimento relativo de 73,2%;

- no crescimento do Produto Real Agrícola, de 1956 até 1960, a agricultura de alimentos para consumo interno revela-se o centro dinâmico já que alcança 73,2%, enquanto o produto total se eleva ao índice de 40% em 1960 (base 1949);
- esta evolução favorável à agricultura de alimentos está fortemente influenciada pelo processo de urbanização no Estado, fator de aumento na demanda por estes bens. "No que tange ao produto bruto do setor agrícola, em 1958, o mercado interno baiano absorveu 65,6% e o aumento do rebanho representou 2,5%; o mercado exterior demandou 26,9% e finalmente os outros Estados brasileiros absorveram 5%. Constata-se portanto que na satisfação das necessidades internas dos próprios habitantes do Estado é o setor agrícola o seu maior fator de emprego (78,9%) às custas todavia de menor remuneração". (Aristeu Almeida - Estrutura e Perspectivas da Agricultura Baiana).

Quadro IV

BAHIA - ZONAS FISIAGRÁFICAS COM MAIOR DINAMISMO NA OCUPAÇÃO DE AGRICULTURA

Zonas Fisiográficas	Pessoal Ocupado (1.000 trabalhadores)		
	1950	1960	60/50
Nordeste	154	243	157,7
Serra Geral	122	193	158,1
Chapada Diamantina	106	172	160,7
Cacau	168	166	-
Feira de Santana	125	162	129,6
Recôncavo	107	138	128,9
Baixo Médio S. Francisco	63	113	179,3
Conquista	76	113	148,6
Encosta da Chapada	72	112	155,5
Jequié	78	108	138,4

Fonte: CPE - Setor Agrícola, Diagnóstico Preliminar/1966.

No período 1950/60, uma atividade industrial destaca-se no território baiano: a exploração petrolífera. A presença desta atividade, no entanto, não chega a contribuir de forma direta e substancial para alterar a estrutura do setor, já que, em 1957, a estrutura industrial existente evidencia a predominância de indústrias do tipo tradicional. Assim, 51,1% do valor da produção do setor industrial, naquele ano, estavam representados pela indústria alimentar e têxtil. Em termos

de participação na renda, em 1950, a indústria representava 13,1% e, apesar da exploração petrolífera, em 1960 esta participação caiu para 12,6%. O fato indica que a produção de petróleo ou não foi computada no cálculo da renda, ou funcionou como geradora de renda em região não produtora que detinha o comando do setor petrolífero. (1)

A Bahia, que durante a década em análise sustentou sua economia na agricultura de exportação, produzindo cambiais, através das exportações, para a economia nacional, não se beneficiava desta "capacidade para importar" para a qual contribuía já que "o saldo de intercâmbio com o exterior é aplicado em compras no País (...), essas compras eram feitas a preços afetados por tarifas aduaneiras e pela escassez de câmbio, com o sobrecusto dos transportes internos" (2).

O não aproveitamento de "sua" capacidade para importar, em favor do desenvolvimento regional no setor industrial, estava ligado à falta de "economias externas" verificada na economia baiana nesta mesma década. Essas economias externas ausentes eram, principalmente, definidas por:

- a) flutuações do mercado local;
- b) deficiência de capital social (transportes, comunicações, energia, água, etc.);
- c) deficiência de fatores institucionais (tributação, clima social favorável às iniciativas e ao progresso técnico, ação promocional do Estado, etc.) (3).

Dessa forma, a Bahia vinha financiando o desenvolvimento nacional sem dele se beneficiar, porém.

Com os anos 60 inicia-se na Bahia uma tomada de consciência dos problemas estruturais da economia regional. A década é marcada pela apresentação clara dos problemas econômicos e o equacionamento de suas soluções a partir da ação planejada.

As perdas nos termos do intercâmbio do comércio externo da Bahia e nas relações comerciais com o Centro-Sul, a autonomia do setor petrolífero e a incapacidade de retenção dos capitais gerados na economia baiana, motivada pela ausência de condições infraestruturais, são problemas postos em debate, nos fins da década anterior e equacionados no Plano de Desenvolvimento da Bahia para o período 1960/63 (PLANDEB - 1956).

O referido documento de planejamento - PLANDEB - apontava como caminho para a modificação estrutural da economia "um programa de investimentos públicos e semi-públicos ou patrocinados pelo setor público" nos seguintes termos:

- 1) Realização de programas básicos de transportes e comunicações, energia, facilidades urbanas fundamentais: água, localização industrial e habilitação, bem como, provimento de reservas de água para a agricultura;
- 2) sistema integrado de organização agrícola e do abastecimento alimentar, expansão programada dos serviços de pesquisas, demonstração e extensão na agricultura;
- 3) ampliação da fronteira agrícola através de colonização;
- 4) desenvolvimento de um programa de utilização das possibilidades industriais e de estímulos econômicos resultantes da produção de petróleo;
- 5) localização na Bahia de uma usina siderúrgica média, dentro do programa siderúrgico nacional, e facilidades especiais para a fixação de indústrias metalúrgicas, mecânicas, materiais de construção, embalagens, etc.;
- 6) um programa de educação compreendendo:
 - suprimento das carências de educação de base para a população em idade escolar;
 - ampliação das oportunidades de treinamento e aperfeiçoamento nas técnicas imediatamente reclamadas no atual estágio do processo de desenvolvimento;
- 7) um programa de assistência sanitária também ajustado às necessidades presentes do processo de desenvolvimento;
- 8) um programa de levantamento sistemático de recursos naturais e de pesquisas de possibilidades do seu aproveitamento econômico.

A mais destacada consequência desta consciência dos problemas e da solução programada para eles se faz sentir na reestruturação do setor público.

Paralelamente à estrutura central do serviço público estadual, mantida aparentemente inalterada até meados da década, surgem órgãos, sistemas e estruturas públicas destinadas a implantar as idéias novas e implementar os programas propostos. São exemplos desta modificação:

- a criação do sistema FUNDAGRO (Fundo de Desenvolvimento Agroindustrial) com a finalidade de iniciar e apoiar empresas de industrialização primária de produtos agrícolas e sua comercialização, produtoras e supridoras de sementes, forragens, serviços mecânicos e equipamentos, e intervenção no abastecimento (mercado a varejo). As empresas básicas do sistema previsto no PLANDEB eram:

CASEB - Companhia de Armazéns Cerais e Silos da Bahia
 CASEMBA - Companhia de Alimentação e Sementes da Bahia
 MAFRISA - Matadouros Frigoríficos S/A
 PESCABA - Pesca da Bahia, Comércio e Indústria S/A
 FRIBA - Frigoríficos da Bahia S/A
 SISALBA - Sisal da Bahia S/A
 CAMAB - Companhia de Adubos e Materiais Agrícolas da Bahia
 ECOSAMA - Empresa de Conservação de Solos, Água e Mecanização Agrícola
 CBC - Cia. Baiana de Colonização.

- a criação de uma Secretaria sem Pasta para Assuntos de Desenvolvimento, com a finalidade de coordenar os trabalhos dos organismos de pesquisa, planejamento e promoção do desenvolvimento.

Propunha por outro lado, o PLANDEB, uma modificação radical no papel do Estado com relação à economia, passando ele a exercer a coordenação e a promoção do desenvolvimento econômico.

De modo geral, previa-se ainda no PLANDEB a estruturação de uma economia que se libertasse de sua dependência agrícola-exportadora, apresentasse dinamismo interno com base na industrialização de recursos naturais com capitais locais e nacionais, e paralelamente, vista a Bahia em relação ao Brasil, eliminasse sua total dependência do Centro-Sul no suprimento de bens industriais de consumo, que passariam a ser produzidos aqui.

Prevvia-se, desta forma, a implantação de uma política de industrialização intensiva, pela criação de um capital social básico através do investimento público, concentrando-se tais investimentos em regiões propícias à implantação de indústrias (notadamente o Recôncavo); pela adoção de facilidades fiscais e atração de investimentos privados de outras regiões do país e do exterior.

O setor industrial assim previsto teria uma estrutura basicamente vinculada ao petróleo, à siderurgia e metalurgia, contemplando também indústrias mecânicas e ainda a ampliação das indústrias de bens de consumo.

Tais objetivos só puderam, no entanto, ser alcançados nos anos finais da década, notadamente após a Reforma Administrativa do Estado.

Isto porque, o governo estadual não estava preparado senão para algumas das modificações propostas, como foi o caso do setor de transportes e de energia, faltando-lhe estrutura e inclusive técnicos e pessoal habilitado, para a implantação do trabalho de pesquisa, experimentação, coordenação de investimentos públicos e incentivos ao setor privado.

Quadro V

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS SETORES ECONÔMICOS NA
PROMOÇÃO DA RENDA INTERNA DO ESTADO DA BAHIA

Anos	Agricultura	Indústria	Serviços
1950	43,4	8,7	47,9
1960	39,8	12,1	48,1
1961	33,9	11,6	54,5
1962	39,6	8,5	51,9
1963	36,2	9,9	53,9
1964	40,0	8,7	51,3
1965	39,8	8,9	51,3
1966	38,0	9,1	52,9
1967	38,4	7,6	54,0

Fonte: FGV - Conjuntura Econômica, julho/1970.

Só o Sistema FUNDAGRO logrou implantar-se. A atividade de planejamento passou a contar pela primeira vez com cobertura governamental.

Assim sendo, já na segunda metade da década lograva-se uma reestruturação da administração pública estadual e a atuação do governo tornou-se mais produtiva.

Realizou-se o planejamento e a implantação do Centro Industrial de Aratu, aproveitando-se os recursos naturais, a concentração de renda e economias externas do Recôncavo, apoiando-se também na política de incentivos fiscais (Artigos 34,18) da SUDENE.

Ainda que perdurasse a predominância do setor agrícola na formação da renda durante toda a década (ver Quadro V) e o setor serviços ganhasse importância, pode-se dizer que as modificações estruturais na economia já se faziam sentir nos últimos anos.

O setor industrial que estava francamente baseado em indústrias tradicionais, alimentícias e têxteis, sofre transformação em meados da década (1966): as indústrias tradicionais têm participação no investimento total de apenas 25,7% a indústria dinâmica alcançava os 74,3% restantes. A indústria química e petroquímica e a metalúrgica representavam 69,9% do investimento no setor. Em 1969, os investimentos realizados no setor industrial da Bahia se dirigem fundamentalmente para as indústrias da classe dinâmica, alcançando uma participação em torno de 86,3% (ver Quadro VI).

Quadro VI

BAHIA - ESTRUTURA INDUSTRIAL

R a m o s	Indústrias existentes		Indústrias emergentes	
	% s/o valor da produção		% s/o investimento total	
	1950	1960	1966	1969
TRADICIONAIS	87,8	56,0	25,7	13,7
. madeira	1,6	0,8	1,2	3,3
. mobiliário	0,7	1,1	1,0	0,1
. couros e peles	4,4	1,0	1,1	0,4
. têxtil	3,5	19,4	5,6	1,2
. vestuário	2,4	2,2	0,8	0,7
. produtos alimentares	50,2	44,7	7,1	2,9
. bebidas	3,8	2,9	2,3	4,0
. fumo	8,0	2,3	5,1	0,0
. editorial e gráfica	3,1	1,4	0,9	0,6
. diversos	0,1	0,2	0,6	0,5
DINÂMICAS	12,2	44,0	74,3	86,3
. minerais não metálicos	4,7	5,6	4,7	7,9
. papel e papelão	0,5	3,9	0,4	1,3
. borracha	0,1	0,4	0,4	6,0
. química/petroquímica	5,2	10,4	63,3	44,5
. metalúrgica	1,5	2,9	4,6	19,2
. mecânica	0,1	0,3	0,4	2,9
. material elétrico e comunicações	0,0	0,1	0,1	1,9
. material de transportes	0,1	0,4	0,4	2,6

Fonte: Censo Industrial

Tirado de "Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste até 1980"
Secretaria da Ciência e Tecnologia - Documento I da Reunião de Cientistas/70.

No que diz respeito aos investimentos públicos (Governos Federal, Estadual e Municipal) no período de 1960 a 1966 (para o qual se dispõem de dados oficiais (4) na região do Nordeste, a Bahia participa em primeiro lugar na formação de capital com mais de Cr\$418,49 milhões distribuídos nos seguintes setores:

Esta estrutura mostra a predominância das indústrias de bens intermediários no emprego de mão-de-obra-industrial e no investimento, principalmente nas indústrias em implantação. Pode-se identificar facilmente entre estas indústrias, como as mais salientes, as dos ramos de produtos químicos e petroquímicos, metalúrgico, minerais não metálicos e borracha.

Destaque-se que esta estrutura industrial está fortemente influenciada pelos recursos naturais disponíveis do Recôncavo e pela existência de um mercado fora da Bahia. Isto implica numa concentração regional da indústria na região mais dinâmica do Estado, que é a da Capital e que por isso mesmo oferece uma maior reunião de "economias externas".

Destaque-se, no entanto, a industrialização no interior, principalmente em Feira de Santana, Ilhéus-Itabuna e Juazeiro, que disporão de Distritos Industriais já programados e cujas indústrias estarão mais ligadas aos recursos naturais e à agricultura das respectivas regiões.

Para estas pode-se prever uma estrutura industrial de beneficiamento e transformação de produtos da lavoura, pecuária, recursos minerais e produtos florestais, estando mais dependentes, portanto, não só da pesquisa e descoberta de recursos naturais, como de tecnologia e organização industrial.

A agricultura e os serviços sofrerão modificações em decorrência da industrialização em curso. A tendência com relação ao setor agrícola é a intensificação na agricultura de alimentos e de matéria prima para a indústria interna. Está claro que a dinamização do setor industrial e a urbanização conseqüente criará internamente um mercado de bens agrícolas proporcionando, desta forma, certa autonomia no crescimento econômico regional. Não obstante a transformação agrícola que se poderia esperar do processo aqui apresentado como provável de ocorrer, não dependerá somente da existência de demanda interna. A oferta agrícola deverá reagir frente a tais impulsos, fazendo depender, portanto o crescimento induzido pela industrialização da existência de condições na própria agricultura. Entre estas condições estão, desde as modificações na estrutura agrícola e o surgimento de "empresas agrícolas", até o conhecimento de processos de produção e racionalização na agricultura.

Citem-se, a propósito, as conclusões sobre o problema agrícola no Nordeste apresentadas no Documento I da Reunião de Cientistas, promovida pelo BNB, em Fortaleza:

Quadro IX

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS SETORES ECONÔMICOS NA FORMAÇÃO DA RENDA INTERNA DO ESTADO DA BAHIA

Anos	Agricultura	Indústria	Serviços
1950	43,4	8,7	47,9
1960	39,8	12,1	48,1
1961	33,9	11,6	54,5
1962	39,6	8,5	51,9
1963	36,2	9,9	53,9
1964	40,0	8,7	51,3
1965	39,8	8,9	51,3
1966	38,0	9,1	52,9
1967	38,4	7,6	54,0

Fonte: FGV - Conjuntura Econômica, julho/1970.

"Na agricultura, um programa pragmático de pesquisas agrícolas vinculado à industrialização, num plano integrado agroindustrial, constitui, à primeira vista, estratégia básica do seu desenvolvimento. Em nenhum setor da economia os problemas científicos e tecnológicos são mais vastos e complexos que na agricultura. Complexos pela variedade de parâmetros envolvidos pela falta de uma tradição de racionalidade, onde o fator marcante é a monocultura; pelo desconhecimento científico da ecologia tropical, pela impossibilidade de transferir esses conhecimentos dos países desenvolvidos que, em sua totalidade, estão situados em zonas temperadas ou frias do globo".

"Um inventário dos recursos regionais, aproveitamento industrial das frutas regionais, a obtenção de proteínas derivadas da produção de produtos agrícolas a baixo custo, a identificação de melhores processos de comercialização, no que diz respeito à armazenagem, transporte, padronização, entre outros, constituem sem dúvida, prioridades a serem levadas em consideração num programa de pesquisas tecnológicas".

"Particular ênfase deverá ser dada ao desenvolvimento da pesquisa e experimentação na agricultura, não só quanto aos estudos que visem à melhoria de uma particular cultura mas, também, àqueles vinculados aos conhecimentos básicos fundamentais relacionados com um planejamento agrícola para o Nordeste, tais como estudos sistemáticos dos solos, do clima, da ecologia, da região, etc."

Quadro X

BAHIA - ESTRUTURA INDUSTRIAL

R a m o s	Indústrias existentes		Indústrias emergentes	
	% s/o valor da produção 1950	1960	% s/o investimento total 1966	1969
TRADICIONAIS	<u>87,8</u>	<u>56,0</u>	<u>25,7</u>	<u>13,7</u>
. madeira	1,6	0,8	1,2	3,3
. mobiliário	0,7	1,1	1,0	0,1
. couros e peles	4,4	1,0	1,1	0,4
. têxtil	3,5	19,4	5,6	1,2
. vestuário	2,4	2,2	0,8	0,7
. produtos alimentares	50,2	44,7	7,1	2,9
. bebidas	3,8	2,9	2,3	4,0
. fumo	8,0	2,3	5,1	0,0
. editorial e gráfica	3,1	1,4	0,9	0,6
. diversos	0,1	0,2	0,6	0,5
DINÂMICAS	<u>12,2</u>	<u>44,0</u>	<u>74,3</u>	<u>86,3</u>
. minerais não metálicos	4,7	5,6	4,7	7,9
. papel e papelão	0,5	3,9	0,4	1,3
. borracha	0,1	0,4	0,4	6,0
. química/petroquímica	5,2	10,4	63,3	44,5
. metalúrgica	1,5	2,9	4,6	19,2
. mecânica	0,1	0,3	0,4	2,9
. material elétrico e comunicações	0,0	0,1	0,1	1,9
. material de transportes	0,1	0,4	0,4	2,6

Fonte: Censo Industrial

Tirado de "Perspectivas de Desenvolvimento do Nordeste até 1980" -
Secretaria da Ciência e Tecnologia - Documento I da Reunião de Cientistas/70.

Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento agrícola estaria tão intimamente influenciado pela industrialização interna, esta depende, como se viu muito claramente, de uma agricultura que lhe assegure mercado, matérias primas e alimentos para as populações não agrícolas.

A Universidade da Bahia esteve presente em todo o processo descrito acima, participando ativamente num primeiro momento dos debates e estudos que deram margem à identificação dos problemas sócio-econômicos e à preparação de uma mentalidade nova voltada para o rompimento do "ciclo do subdesenvolvimento".

A década dos anos 50 foi, na Bahia, caracterizada por um intenso processo de mobilização da consciência dos seus quadros políticos e, principalmente, técnicos. Ocorreu assim um intenso movimento de adaptação dos profissionais existentes dentro e fora da Universidade para o processo de análise da realidade econômica, de busca de explicação para o que se considerou na época o "enigma baiano".

Precisamente porque não se dispunham ainda de quadros técnicos suficientes, em número e qualidade, no próprio setor público, foi a Universidade chamada a demarcar o processo que evoluiu até a criação, já nos fins da década, de toda uma estrutura ligada ao Governo, mas ainda com a participação da Universidade, que se dedicaria à implantação do "projeto de desenvolvimento".

O planejamento pelo setor "público-universidade", numa intimidade que ia além do uso do pessoal técnico, professores, pesquisadores e profissionais formados pela UFBA, traduziu-se mais adiante num segundo aspecto: o de formação de novos especialistas, mais ligados aos projetos de desenvolvimento do Estado que à formação da consciência desenvolvimentista.

Dessa forma, atendendo aos objetivos do desenvolvimento estadual constantes do planejamento e principalmente a partir das solicitações já verificadas, ou seja de uma demanda derivada dos programas em andamento, a UFBA iniciou a ampliação de seu produto, a preparação em novos campos da técnica e a intensificação na formação das carreiras não tradicionais.

Uma análise da oferta de profissionais pela Universidade revela essa transformação, justamente na década dos anos 60, quando o processo de desenvolvimento assinala certo grau de efetivação.

A OFERTA DE PROFISSIONAIS PELA UFBA

Entre as décadas de 50 e 60 a oferta de profissionais pela Universidade cresceu, no seu total, 61,8%. Todas as Áreas experimentaram crescimento na diplomação, não obstante o crescimento tenha sido maior nas Áreas de Filosofia e Ciências Humanas 111,7% e Matemática e Ciências Físicas 100,7%, vindo a Área de Ciências com apenas 19,4%.

Está, pois, claro que o crescimento verificado na oferta de profissionais foi comandado pelas áreas de Filosofia e Ciências Humanas e a Matemática e Ciências Físicas já que estas experimentaram incrementos maiores que o total da oferta.

A estrutura da oferta foi, portanto, modificada no desenvolvimento da UFBA, em decorrência das diferenças de crescimento. Tais modificações estruturais revelam-se no Quadro XI.

Quadro XI

UFBA - ESTRUTURA DA OFERTA DE PROFISSIONAIS POR ÁREA
ÍNDICES DE CRESCIMENTO E DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL

Á R E A S	Incremento	Participação 1951/60	Percentual 1961/70	TOTAL
	Relativo 1951/60- 1961/70			
Matemática e Ciências Físicas	100,7	16,6	20,6	19,1
Ciências Biológicas	19,4	51,1	37,7	42,8
Filosofia e Ciências Humanas	111,7	25,0	32,6	29,7
Letras e Artes	98,8	7,3	9,1	8,4
T O T A L	61,8	100,0	100,0	100,0

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

Como se verifica, a Área de Ciências Biológicas, que representava mais da metade dos diplomados na primeira década, cai para 37,7% enquanto as demais aumentam sua participação.

Visto o mesmo fenômeno na Tabela II, a seguir, agora considerando as profissões agrupadas em Tradicionais, as que deram origem à própria Universidade, e profissões surgidas no processo de crescimento dela, observa-se que:

- a) o bloco das profissões tradicionais experimenta incrementos de oferta entre uma década e outra na ordem de apenas 9,5%. Isso ocorre devido ao crescimento verificado nos cursos de Ciências Econômicas e Contábeis (124,4%) e Engenharia (41,5%) que estão ligados ao processo econômico e também Direito (25%) e Letras (8,6%) já que os demais cursos decresceram;
- b) o bloco das profissões novas tem sua oferta acrescida de 213,5% e todos os cursos experimentam altos percentuais de crescimento sendo notáveis: Física - que de 2 diplomados passa a 62; Administração de Empresas e Pública - cujos

curso se iniciaram em 1959 e no decênio 1961/70 diplomaram um total de 225 profissionais; e Geologia - iniciado em 1958 com uma oferta de 191 profissionais na década seguinte.

As demais profissões experimentaram os seguintes percentuais de incremento entre um período e outro:

- Ciências Sociais	841%	(AFCH)
- Química	514%	(AMCF)
- Biblioteconomia	414%	(AFCH)
- Pedagogia	385%	(AFCH)
- Nutrição	227%	(ACB)
- Filosofia	209%	(AFCH)
- História Natural	208%	(ACB)
- Arquitetura	178%	(AMCF)
- Agronomia	178%	(ACB)
- Enfermagem	77%	(ACB)
- Matemática	75%	(AMCF)

Tabela II

UFBA - ESTRUTURA NA OFERTA DE PROFISSIONAIS E SUA EVOLUÇÃO ENTRE OS PERÍODOS
1951/60 E 1961/70

Profissões	Números absolutos			Participação relativa		
	1951/60	1961/70	Total	1951/60	1961/70	Total
I. TRADICIONAIS						
1. Engenharia	593	839	1.432	12,9	11,3	11,8
2. Direito	646	813	1.459	14,0	11,0	12,1
3. Medicina	906	817	1.723	19,7	11,0	14,2
4. Odontologia	623	505	1.128	13,5	6,8	9,3
5. Letras	290	315	605	6,3	4,2	5,0
6. Farmácia	297	188	485	6,4	2,5	4,0
7. Economia e Contábeis	172	386	558	3,7	5,2	4,6
SUBTOTAL	3.527	3.863	7.390	<u>76,5</u>	<u>52,0</u>	61,3
II. NOVAS						
8. Arquitetura	103	293	396	2,2	3,9	3,3
9. Agronomia	139	387	526	3,0	5,1	4,3
10. Ciências Sociais	22	207	229	0,5	2,8	1,9
11. Enfermagem	175	310	485	3,8	4,2	4,0
12. Pedagogia	52	252	304	1,1	3,3	2,5
13. História Natural	82	253	335	1,8	3,4	2,8
14. Filosofia	43	133	176	1,0	1,8	1,4
15. Administração	-	225	225	-	3,0	1,9
16. Jornalismo	78	49	127	1,7	0,6	1,0
17. Geologia	-	191	191	-	2,5	1,6
18. Geografia e História	92	145	237	2,0	1,9	1,9
19. Medicina e Veterinária	91	196	287	2,0	2,6	2,4
20. Matemática	61	107	168	1,3	1,4	1,4
21. Lic. em Ciências	-	21	21	-	0,3	0,1
22. Biblioteconomia	43	221	264	0,9	3,0	2,2
23. Nutrição	41	134	175	0,9	1,8	1,4
24. Física	2	62	64	-	0,8	0,5
25. Química	7	43	50	0,2	0,6	0,4
26. Engenharia Mecânica	-	3	3	-	-	0,0
SUBTOTAL	1.031	3.232	4.263	<u>22,4</u>	<u>43,0</u>	35,3
T O T A L	4.558	7.095	11.653	98,9	95,0	96,6
27. Artes	51	363	414	1,1	5,0	3,4
TOTAL GERAL	4.609	7.458	12.067	100,0	100,0	100,0

ÁREA DE MATEMÁTICA E CIÊNCIAS FÍSICAS (AMCF)

A AMCF compõe-se das seguintes carreiras: Engenharia Civil, Engenharia Química, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Arquitetura, Geologia, Matemática, Física, Química (*). Sua participação na oferta total de diplomados pela UFBA situa-se em torno de 18%.

Durante os 5 anos iniciais de funcionamento da Universidade, o curso de Engenharia Civil representava o mais importante na AMCF já que a quase totalidade de diplomados desta área no período 1946/50 eram engenheiros civis. Também nos períodos 1951/55 (75,6%) e 1956/60 (64,9%), notava-se ainda a predominância de engenheiros civis na diplomação.

Como consequência das transformações do mercado de trabalho, nos últimos anos da série estudada, principalmente a partir de 1960 e do surgimento de atividades econômicas ligadas à industrialização na Bahia, ocorre diversificação e melhor distribuição dos diplomados nessa área, como parece indicar o quadro abaixo:

Quadro XII

UFBA - DIPLOMAÇÃO NA AMCF

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE DIPLOMADOS

Profissões	Período					Total
	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70	
1. Engenharia	16,6	12,7	13,0	10,0	12,0	12,4
. Engenharia Civil	15,0	11,7	11,6	8,5	9,5	10,7
. Engenharia Elétrica	0,7	0,8	1,2	1,3	1,4	1,2
. Engenharia Química	0,9	0,2	0,2	0,2	1,1	0,5
2. Arquitetura	0,1	1,7	2,8	3,7	4,1	3,0
3. Geologia	-	-	-	3,3	2,2	1,4
4. Matemática	0,4	0,9	1,8	1,3	1,5	1,2
5. Física	-	0,1	-	0,5	1,0	0,5
6. Química	-	0,2	0,1	0,2	0,8	0,4
T O T A L	17,1	15,5	17,7	19,0	21,6	18,9

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

(*) Até 1970 o curso de Geografia estava agrupado entre as profissões da área de Filosofia e Ciências Humanas (AFCH).



Como se vê, a participação da AMCF na diplomação total, evolui de 17 para 21,6% no último período, exceção feita unicamente ao período 1951/55 quando, segundo se comentou anteriormente, o crescimento da oferta esteve absorvido pelas demais áreas e houve queda na formação de engenheiros civis, que na época, predominavam entre as profissões da AMCF.

Nos períodos iniciais, quando era dominante a formação de engenheiros, até 1960, a economia regional estava caracterizada por atividades econômicas primário-exportadoras e abrigava indústrias do tipo tradicional. A atividade petrolífera em implantação no Estado não chegava a contribuir para alterar a estrutura da economia, seja do setor industrial existente, seja do mercado de trabalho a nível universitário, dado o seu caráter autárquico com relação à economia estadual.

Em meados da década dos anos 60, notadamente a partir de 1966, segundo já se mostrou anteriormente, a industrialização toma corpo na Bahia através de investimentos dirigidos para a indústria dinâmica, principalmente a indústria química, petroquímica e metalúrgica que chegaram a alcançar 69,9% do investimento industrial.

Nota-se no quadro acima que o curso de Engenharia Civil vem-se apresentando com participação cada vez menor, em termos relativos, na AMCF enquanto esta tende a melhorar os índices relativos de sua participação no total de diplomações da UFBA. Pode-se afirmar, portanto, que foram necessárias transformações na economia regional para que ocorressem, a partir principalmente de 1961, modificações na demanda pelos cursos da área e diversificação na oferta profissional, em Arquitetura, Matemática, Engenharia Química e Elétrica e Geologia.

Convém ainda ressaltar que, a partir de 1960, a UFBA inicia a formação de geólogos como uma resposta às exigências do setor petrolífero, justamente quando a PETROBRÁS desenvolve no território baiano um trabalho voltado à expansão da exploração petrolífera e quando surgem condições para o emprego de profissionais de nível superior da região em quantidades que justificam a manutenção da Escola de Geologia.

O curso de Arquitetura também melhora sua posição na oferta total a partir de 1956, como consequência do desenvolvimento urbano do Estado.

O primeiro curso - Geologia -, no entanto, parece revelar uma tendência a reduzir sua participação na oferta total, a partir do período 1966/70, com indicações no sentido de que o seu crescimento tenderá a ser menor à medida que o mercado de trabalho se dirija para uma maior absorção de profissionais pelo setor industrial no Estado e a relativa saturação do mercado do setor público e empresas do Governo.

ÁREA DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (AFCH)

A AFCH é a que revela maior evolução em termos de participação na oferta de profissionais. Até 1970 estava ela constituída de 10 carreiras como se vê no quadro a seguir. Sua participação na oferta total evolui de 20,9%, no período 1946/50, para 21,4%, nos anos de 1951/55; passando de 28,5% em 1956/60, para 28,8% em 1961/65, até alcançar 34,0% no período de 1966/70.

No período inicial sustentava-se fundamentalmente na formação de Advogados que representavam 16,4% do total das diplomações na UFBA e 78% do total da AFCH. A evolução da oferta, no entanto, faz-se pelo aumento da participação dos demais cursos da área, em detrimento da posição do curso de Direito que perde sua importância relativa.

A partir de 1961 é que se definem as tendências da AFCH no sentido de equilibrar a participação das várias profissões que a compõem.

Ciências Econômicas concorre internamente com Direito até 1960 e evolui até o período 1961/65 de forma bastante acentuada. A partir de 1961 nota-se a tendência à diversificação na composição da oferta na AFCH, com o surgimento dos cursos de Administração Pública e de Empresas; já em 1966/70 a estrutura da oferta de diplomados se distribui mais equilibradamente pelas profissões de Ciências Sociais, Direito, Ciências Econômicas, Administração, Pedagogia e Biblioteconomia que representam, juntas, 28% da diplomação da UFBA nos últimos cinco anos, cerca de 62% do total da Área em análise.

É justamente a partir de 1960 que o mercado de algumas das profissões dessa Área se torna efetivo, oferecendo alternativas para os que se encaminham à UFBA. A compreensão dos problemas econômicos e sociais e do papel da administração pública estadual no encaminhamento dos mesmos, determina alterações fundamentais na demanda de profissionais de Ciências Humanas. É importante notar como a formação de Advogados vai sofrendo a concorrência de outras profissões da área, tais como Economia até 1960 e Economia, Ciências Sociais e Administração a partir de 1961.

A partir de 1966 as modificações na estrutura da oferta de profissionais na AFCH sugere uma resposta efetiva às alterações na demanda por profissionais em Ciências Humanas no mercado regional. É notável a participação de Ciências Sociais, Ciências Econômicas, Administração, Biblioteconomia e Pedagogia na composição da oferta no período 1966/70 e a perda de importância, que de resto é a própria tendência desde 1951, da formação de Bacharéis em Direito, na área considerada. Pode-se também

considerar o fato de que o Bacharel em Direito vinha sendo substituído daqueles profissionais, quando o mercado era menos exigente e também menor para aquelas especialidades.

O curso de Pedagogia conquista no período 1966/70 uma posição de destaque na composição da oferta da AFCH e é responsável por 4,2% das diplomações totais da UFBA. Essa evolução se efetiva com a consciência da importância da educação para o processo de desenvolvimento e reflete, por outro lado, a tomada de posição pelo Setor Público quanto à organização e redimensionamento dos serviços educacionais. Desde 1960 vem o Governo Estadual desenvolvendo um programa educacional que se caracteriza justamente pela ampliação da infra-estrutura educacional primária e média, e principalmente pela ampliação das oportunidades de ocupação de administradores e supervisores educacionais.

Quadro XIII

UFBA - DIPLOMADOS NA AFCH

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE DIPLOMADOS

Profissões	Períodos					Total
	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70	
1. Direito	16,4	11,2	17,1	13,7	9,4	12,6
2. Ciências Sociais	0,2	0,3	0,6	0,4	4,1	1,7
3. Ciências Econômicas	0,2	2,1	2,8	4,5	3,8	3,0
4. Filosofia	0,3	0,5	1,4	1,0	2,2	1,3
5. História e Geografia	2,2	1,5	2,5	1,6	2,1	2,0
6. Ciências Contábeis	1,0	0,9	1,8	1,3	1,0	1,2
7. Administração	-	-	-	2,0	3,6	1,7
8. Jornalismo	-	3,2	-	0,3	0,8	0,9
9. Pedagogia	0,6	0,9	1,3	1,8	4,2	2,3
10. Biblioteconomia	-	0,8	1,0	3,2	2,8	1,9
T O T A L	20,9	21,4	28,5	29,8	34,0	28,6

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

ÁREA DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS (ACB)

A participação relativa da ACB na oferta total durante o período analisado é decrescente. Nos períodos 1946/50 e 1951/55 as profissões da área representavam cerca de 58% da diplomação e a partir de 1956 começa a decrescer alcançando 42,5% e 40,6% nos períodos 1956/60 e 1961/65 respectivamente, caindo para 36% nos últimos

cinco anos. A queda verificada na participação da ACB com relação ao total das diplomações ocorre pelo aumento da participação da área de Filosofia e Ciências Humanas que entre todas é a que conquista uma posição de destaque na composição da oferta total, mesmo porque, durante o período, a diplomação na ACB em termos de aumentos percentuais, de período a período, se comporta de forma normal, reduzindo-se quando ocorre redução na diplomação total (período de 1956/60) e crescendo quando cresce a oferta global de profissionais pela Universidade.

As carreiras de Medicina, Odontologia e Farmácia que ocupavam as posições mais destacadas na área, revelam tendência a reduzirem suas participações, chegando no último período a representarem menos da metade do que representavam nos períodos iniciais. O inverso ocorre com História Natural e Enfermagem.

De qualquer forma, mesmo não ocorrendo reduções em termos de evolução da oferta de profissionais na área de Ciências Biológicas, o crescimento da diplomação ocorre a taxas menores que as verificadas para algumas profissões de outras áreas e, por isso mesmo, a participação percentual da ACB na oferta de profissionais pela UFBA é decrescente.

Quadro XIV

UFBA - DIPLOMAÇÃO NA ACB

PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE DIPLOMADOS

Profissões	P e r í o d o s					Total
	1946/50	1951/55	1956/60	1961/65	1966/70	
Medicina	25,7	26,5	12,3	10,4	11,2	15,6
Enfermagem	0,4	4,1	4,0	4,4	4,0	3,6
Odontologia	16,9	15,2	11,7	8,4	6,0	10,2
Farmácia	9,1	9,5	3,2	4,0	1,7	4,5
Agronomia	6,2	2,3	3,7	5,7	4,9	4,6
Medicina Veterinária	-	0,8	3,2	2,3	2,8	2,1
História Natural	-	1,0	2,6	2,3	4,0	2,5
Nutrição	-	-	1,8	3,0	1,1	1,3
Licenciatura em Ciências - I Ciclo	-	-	-	-	0,4	0,4
T O T A L	58,3	59,3	42,5	40,6	36,1	44,5

Fonte: UFBA - Assessoria de Planejamento.

NOTA: Os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária foram incorporados à UFBA a partir de 1967.

II. A BUSCA DO MODELO DE PLANEJAMENTO DE VAGAS PARA A UFBA - FATORES EXTERNOS

O conhecimento do processo antes descrito, quantitativa e qualitativamente definido, induziu a UFBA, através de sua Assessoria de Planejamento, a buscar, quanto antes, um modelo de planejamento das vagas.

A primeira fase desse trabalho consistiu numa análise mais detalhada dos dados disponíveis e a formulação das hipóteses mais adequadas para guiar futuros estudos, mas, ao mesmo tempo, oferecessem informações a curto prazo aos órgãos decisórios, quanto à melhor distribuição das vagas entre os vários cursos.

É dessa primeira fase que se pode hoje informar em termos de experiência da UFBA.

II.1. AS HIPÓTESES DO MODELO

Como se procurou demonstrar até aqui, o crescimento da Universidade correspondeu a uma resposta às pressões na demanda por vagas - o explosivo aumento de pretendentes ao ensino superior no Estado - e o surgimento de uma abertura para novos cursos, fruto do aparecimento de novas oportunidades para profissionais, em especialidades ligadas ao processo de transformações ocorridas, a partir do setor público, na economia regional.

A resposta da Universidade a tais pressões traduziu-se não só na criação de novas escolas e cursos como na manutenção e às vezes até intensificação em termos quantitativos de inscritos e diplomados em cursos tradicionais.

Assim, as hipóteses que se afiguravam como as mais válidas para o início dos estudos em busca de uma melhor eficiência externa ou por outras palavras, em busca de uma melhor projeção do número de profissionais de acordo com o mercado de trabalho, foram os seguintes*:

1. a Universidade da Bahia produz profissionais para um mercado cuja amplitude geográfica deve coincidir com sua área de influência mediata, no caso o Nordeste brasileiro, mas responde com notável clareza à demanda de uma área de influência imediata que é o próprio território estadual, cujo desenvolvimento econômico é notavelmente polarizado pela região do Recôncavo;

(*) A eficiência interna da UFBA foi também analisada paralelamente e utilizada como condicionante para a distribuição de vagas entre as Unidades produtoras de ensino. Não é essa porém a preocupação deste trabalho, daí porque não se fez referência detalhada desses estudos, não menos importantes para esclarecer a questão do planejamento de vagas.

2. as mutações em processo na economia atingem mais fortemente a oferta de vagas do que sua demanda, o que se traduz em inadequações entre as pretensões da UBA de oferecer novas oportunidades de formação profissional em substituição aos cursos tradicionais (em termos quantitativos) e as pretensões da maioria dos candidatos ao Vestibular. Assim ela tem que admitir em todos os cursos altos contingentes, sujeitando o número de vagas às condições internas de recursos (espaço, corpo docente, material, etc.), mesmo comprometendo a eficácia externa de seu produto.

Esta hipótese admite que ocorre inadequação entre a estrutura da oferta e o perfil atual e futuro da demanda.

A primeira hipótese foi, como se fundamenta abaixo, considerada como verdadeira. Na demanda por vagas, analisada a procedência dos candidatos em pesquisa direta, 76,5% se declaravam residentes na Bahia e 7,5% nos demais Estados do Nordeste, num total de 84%. Acresce a isto o fato de que - embora isto não tenha sido fenômeno especialmente pesquisado e quantificado, mas que facilmente se pode inferir da própria evolução da estrutura da demanda por curso e oferta de profissionais anteriormente descrita neste documento que, como se viu, guarda estreita relação com as tendências da economia baiana e nordestina, somente um resíduo de profissionais está-se deslocando ou emigrando da Bahia para outras regiões, inclusive o Nordeste.

A melhor justificação, porém, da hipótese aqui em análise pode-se buscar na própria teoria do desenvolvimento e melhor ainda na própria formação econômica brasileira e seu processo de desenvolvimento.

Como se sabe, há uma nítida diferença, em nível e estrutura, no desenvolvimento das regiões e é mesmo próprio do processo a desigual distribuição quantitativa e qualitativa dos investimentos ou da formação do capital. Essa desigualdade não só se reflete na estrutura produtiva como na estrutura do mercado de fatores. Outra característica notável do processo é a falta de integração de mercado e por isso a pequena comunicabilidade entre as regiões insumidoras de mão-de-obra de nível técnico superior com a estrutura produtora deste fator em outras regiões, quando entre elas ocorrem diferenças estruturais muito fortes. Vale dizer: quando se tratar de formação de mão-de-obra especializada numa região menos desenvolvida, a estrutura da oferta não se modificará para atender à demanda da região mais desenvolvida, embora o efeito de polarização funcione para os demais fatores. O oposto porém é verdadeiro; a demanda de técnicos poderá ser em parte satisfeita na medida em que se disponha nas regiões mais desenvolvidas de excedentes de oferta, embora estas não adequem sua oferta à demanda daquelas.

Enfim, nenhum país ou região produzirá deliberadamente mão-de-obra especializada para exportar, inclusive porque não obteria retornos suficientes para justificar o investimento. Por outro lado, e a experiência da UFBA serve para comprovar isso, não se obteria demanda suficiente de vagas para escolas ou cursos cujos produtos se dirigissem a outras regiões que não aquela na qual residem os candidatos.

O perfil regional da demanda portanto, deve determinar a estrutura da oferta de vagas no ensino superior e essa foi a principal orientação assumida para o planejamento das vagas na UFBA.

Quanto à segunda hipótese levantada, caracterizada pelo crescimento da demanda de vagas na UFBA sempre acima de sua capacidade de oferta nos cursos tradicionais, a ampliação do total de vagas pela criação de novos cursos e intensificação da formação de profissionais para atender as pressões de desenvolvimento, estaria provada como verdadeira na medida em que se estudasse o grau de adequação do produto no mercado de trabalho, ou seja, a forma de absorção encontrada para as profissões tradicionais e novas, porque:

1. as profissões tradicionais, como Engenharia Civil, Direito e Ciências Econômicas, cuja matrícula e produção de diplomados seguiram crescendo, no processo de desenvolvimento do Estado, concorriam entre si e ainda com Ciências Sociais cuja produção aumentava e Administração Pública e de Empresas cuja diplomação se iniciava nos anos 60.

O mercado de trabalho estaria utilizando fora da profissão os Advogados, como administradores públicos e de empresas, planejadores e técnicos em desenvolvimento econômico e da mesma forma os Economistas e Engenheiros Civis ao mesmo tempo em que se diplomavam especialistas em Administração Pública e Empresas e Ciências Sociais. Para os primeiros ocorreria um estreitamento do mercado e para os segundos dificuldades de colocação pois, por serem profissões novas, não estariam suficientemente conhecidas e valorizadas pela sociedade e pelos empregadores.

2. Da mesma maneira a formação de Geólogos também deveria comprimir o mercado de Engenheiros Civis já que parte destes estava sendo, até 1961, treinada em geologia pela Petrobrás (CENAP).
3. Enquanto isto, os demais ramos de engenharia, cuja oferta se mantinha a níveis baixos, deveriam encontrar um mercado insatisfeito, cujo equilíbrio se daria pelo treinamento e readaptação dos Engenheiros Civis, com visível sobrecusto social.
4. Os diplomados em Ciências Contábeis, de nível superior, que já sofrem a concorrência dos Técnicos de Nível Médio, encontrariam agora no mercado os Administradores Públicos e de Empresa.

5. Os Dentistas - cujo estoque é dos mais elevados entre as profissões tradicionais e tinham uma das maiores participações no total de diplomados na década de 50, (13,5%), sendo o terceiro curso em participação percentual do total geral - sofrem queda brusca na segunda década (passam a representar apenas 6,8%), decrescendo a diplomação em 19% de uma década para outra.

Não obstante, a demanda por vagas não se reduziu de uma para outra década e o processo de crescimento da Bahia ocorrendo pela concentração populacional e de renda em alguns centros urbanos induziria um aumento de mercado.

As admissões, todavia, sofreram reduções na década de 50 e na primeira metade da década de 60, tendo evoluído na segunda metade desta década cerca de 72%. Esse novo contingente de dentistas ingressava no mercado na atual década, com uma provável concentração em Salvador, e com dificuldades de colocação.

II.2. A PESQUISA REALIZADA

Das profissões referidas acima, nove foram selecionadas para a busca do grau de adequação da oferta de necessidades do mercado. Elas representam dois grupos de profissões assim caracterizados para os objetivos dos estudos:

GRUPO I - Engenharia Civil, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Odontologia e Direito, cuja oferta de profissionais é das mais representativas e com estoques dos mais elevados no mercado.

GRUPO II - Engenheiros Químicos e Eletricistas, Administradores de Empresa e Administradores Públicos, profissões novas, ainda desconhecidas e sem condições de absorção direta pelos empregadores.

Deve-se ainda informar que para Geólogo já contava a UFBA com estudos sobre a profissão e o mercado* e que se julgou conveniente adotar outra metodologia para o estudo (já em andamento) da situação dos profissionais de Saúde e Educação.

1. A pesquisa realizada junto aos profissionais acima agrupados teve como principais objetivos:

A. Medir o grau e a forma de adequação ao mercado e o tipo de utilização e absorção dos profissionais através de indicadores, tais como:

(*) Trata-se do trabalho intitulado "CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA E MERCADO DE TRABALHO DO GEÓLOGO", realizado em 1971 pelo PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS DA UFBA com a colaboração da ASSOCIAÇÃO BAIANA DE GEÓLOGOS e CREA/3a. Região.

- a) situação atual de ocupação: proporção de profissionais que exercem a profissão e a forma de exercício;
- b) desemprego, subemprego ou subutilização dos profissionais pelo exercício da atividade profissional em tarefas para as quais não seriam necessários os conhecimentos técnicos adquiridos a nível superior;
- c) adaptação ao mercado através de treinamento, pós-graduação e especialização dentro da profissão e fora do seu ramo profissional em ocupações de nível superior em substituição a outros profissionais, através do treinamento realizado;
- d) problemas de obtenção de emprego na profissão e velocidade de absorção pelo mercado.

B. Conhecer as condições de mercado, tamanho, estrutura e mudanças ocorridas pelo processo econômico regional através de:

- e) remuneração obtida pelos profissionais;
- f) vínculo de emprego ou flutuações de ocupação;
- g) acumulação de empregos ou de ocupações;
- h) setores e unidades empregadoras dos profissionais;
- i) mobilidade ocupacional correlacionada com modificações estruturais da economia;
- j) situação de ocupação e sua relação com o ano de formatura, correlacionados com a estrutura da economia.

C. Identificar se as inadequações observadas são funções da demanda (estrutura) ou da oferta (qualidade) ou de ambos combinados:

- k) se o estágio profissional contribui para a colocação;
- l) se as características da formação universitária contribuem para as dificuldades de colocação;
- m) as perspectivas de complementação da formação profissional para adaptar-se à demanda, etc.;
- n) se os profissionais fariam outro curso se pudessem recomeçar, agora que têm conhecimento objetivo da profissão escolhida e do mercado.

No caso do Objetivo A pretende-se medir saturação de mercado das profissões do grupo I e dificuldades de absorção para as do grupo II, bem como o "efeito substituição" entre elas.

O objetivo B oferecerá informações que não só poderão ser utilizadas a curto prazo para informar aos órgãos decisórios da Universidade quanto à situação dos

profissionais por ela diplomados e condições atuais de mercado. Sobretudo indicará as unidades insumidoras de profissionais e os setores da economia que deverão ser analisados numa segunda pesquisa, com a qual se pretendem fazer projeções de mercado e construir o perfil da demanda a longo prazo, para o planejamento da Universidade.

Os indicadores do terceiro objetivo fornecerão informações quanto à qualidade da formação profissional adquirida, os desvios de profissão provenientes de erros de escolha, etc.

2. A metodologia adotada na pesquisa se caracterizou pelos seguintes pontos:

- O universo de análise teve como base o estoque de profissionais diplomados pela UFBA no período 1946/69 e por limites geográficos a cidade do Salvador*.
- Adotou-se a técnica da amostragem intencional estratificada, com base na 2a. hipótese do modelo, de forma a se pesquisarem os profissionais diplomados em uma turma da década de 50 e compará-los com turmas mais recentes de forma a se poderem inferir as consequências das transformações econômicas na ocupação.
- A seleção dos entrevistados deu-se por processo aleatório.
- A estrutura da amostra é a do Quadro XV a seguir, onde se pode ver o número de diplomados e o número de entrevistados.

(*) Tal universo, assim delimitado, se sustenta na 1a. das hipóteses levantadas a partir dos antecedentes metodológicos já descritos neste documento.

Quadro XV

UFPA - PESQUISA DA ABSORÇÃO DE PROFISSIONAIS
ESTRUTURA DA AMOSTRA ESTRATIFICADA

Estratos Turmas de Diplomados	Profissões Pesquisadas										TOTAL									
	Eng's Civis	Eng's Químicos	Eng's Eletric.	Advogados	Economistas	Contabilistas	Dentistas	Emp.	Adm. Púb.	Dipl. AM	Dipl. AM	Dipl. AM	Dipl. AM							
1956	44	14	2	1	4	2	79	9	16	7	20	17	-	-	-	-	-	165	50	
1960	66	1	2	4	2	74	11	6	4	5	3	80	16	-	-	-	-	236	53	
1963	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	13	9	4	19	13	
1966	65	17	10	5	6	6	93	25	10	6	3	2	55	14	18	12	2	269	89	
1968	112	29	12	13	7	7	75	26	45	28	1	1	52	15	10	7	18	339	135	
1969	127	21	21	1	13	13	92	25	63	44	-	-	85	20	24	18	6	429	148	
Total Absoluto	414	97	51	21	30	413	96	140	89	29	23	272	65	46	38	21	1457	488		
%	100	23,0	100	60,0	100	59,0	100	23,0	100	64,0	100	79,0	100	24,0	100	71,0	100	55,0	100	33,0

N O T A S:

- (1) Ver CPE - Economia Baiana - Setor Agrícola - Diagnóstico Preliminar/1966
CPE - Plano de recuperação econômica da Bahia - 2a. parte/1960
- (2) Ver CPE - Estudo da situação dos problemas da Bahia - Dossier resumo/1955
- (3) Idem.
- (4) Ver: SUDENE - Boletim Econômico, Vol. IV nº 1, outubro/dezembro - 1968.

BIBLIOGRAFIA

CPE - "Plano de Desenvolvimento da Bahia - 1960/63 (PLANDEB)"

AGUIAR, Pinto - "Notas sobre o enigma baiano" - CPE/1968

CPE - "Plano de Recuperação Econômica da Bahia/1960"

CPE - "Estudo da situação dos problemas da Bahia - DOSSIER RESUMO"/1968

CPE - "Economia baiana, setor agrícola - Diagnóstico Preliminar"/1966

SUDENE - Boletim Econômico - Volume IV, nº 1, outubro/dezembro - 1968

SECRETARIA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA - GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA - Perspectivas de desenvolvimento do Nordeste até 1980 - Salvador, agosto de 1970.